



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
PORTO NACIONAL CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

SARA SOARES RIBEIRO NUNES DE CARVALHO

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA FICCIONAL *ONE PIECE* E REGIMES
AUTORITÁRIOS DA REALIDADE**

Porto Nacional, TO

2025

Sara Soares Ribeiro Nunes de Carvalho

Uma análise comparativa da obra ficcional *One Piece* e regimes autoritários da realidade

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus universitário de Porto Nacional para obtenção de título de licenciado em História

Orientador: Doutor Marcos Alexandre de Melo Santiago Arraes

Porto Nacional, TO

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- C331a Carvalho, Sara Soares Ribeiro Nunes de.
Uma análise comparativa da obra ficcional *One Piece* e regimes autoritários da realidade. / Sara Soares Ribeiro Nunes de Carvalho. – Porto Nacional, TO, 2025.
46 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2025.
Orientador: Marcos Alexandre de Melo Santiago Arraes

1. Análise comparativa. 2. Mangá. 3. Regimes autoritários. 4. Cultura Pop. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sara Soares Ribeiro Nunes de Carvalho

Uma análise comparativa da obra ficcional *One Piece* e regimes autoritários da realidade

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de História foi avaliado para obtenção do título de licenciado em História.

Data de Aprovação: 07/02/2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Melo Santiago Arraes, UFT

Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho, UFT

Prof. Dr. Alexandre da Silva Borges, UFT

RESUMO

A Cultura Pop japonesa vem alcançando cada vez mais o público, especialmente os jovens, graças a sua ampla disseminação na internet e em plataformas de *streaming*, considerando isso, se faz necessário analisar como essas obras podem carregar expressões da realidade. O objetivo geral da pesquisa é identificar os aspectos da obra One Piece que podem ser comparados e relacionados com características de regimes autoritários da realidade, com foco na análise do sistema de governo da obra e em como o revisionismo histórico aparece na mesma, se relacionando a essa forma de governo. Portanto a comparação realizada é entre os elementos histórico e políticos da obra, com os da realidade, por meio de uma análise do discurso.

Palavras-chaves: Comparative Analysis. Manga. Authoritarian Regimes. Pop Culture

ABSTRACT

Japanese Pop Culture has been reaching more and more audiences, especially young people, thanks to its wide dissemination on the internet and streaming platforms, considering this, it is necessary to analyze how these works can carry expressions of reality. The general objective of the research is to identify the aspects of the work One Piece that can be compared and related to characteristics of authoritarian regimes in reality, focusing on the analysis of the system of government of the work and how historical revisionism appears in it, relating to this form of government. Therefore, the comparison made is between the historical and political elements of the work, with those of reality, through a discourse analysis.

Keywords: Culture. One Piece. Analysis. Speech. Authoritarianism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 “EU SEREI O REI DOS PIRATAS”	14
2.1 Governo Mundial.....	16
3 “VOCÊ OUSA DUVIDAR DO DO GOVERNO?”	22
3.1 Autoritarismo na obra: Governo Mundial e Marinha.....	23
3. 2 Nico Robin: História e apagamento para manutenção do autoritarismo... 	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

“Robin, a História é um tesouro para toda a humanidade. Ela vai iluminar o caminho para seu futuro. Não podemos desistir!” (Nico Olvia, One Piece, capítulo 1066)

“Existem algumas coisas que não podem ser impedidas. O sonho das pessoas, um propósito herdado e a passagem do tempo. Enquanto o ser humano procurar por respostas para a liberdade, essas coisas jamais serão impedidas. Jamais!” (Gol D. Roger, One Piece, cap. 100)

“Quando você acha que uma pessoa morre? Quando uma bala atinge seu coração? Quando tem uma doença incurável? Quando bebe uma sopa de cogumelo venenoso? Não, nada disso! As pessoas morrem quando são esquecidas!” (Dr. Hiluluk, One Piece, cap.145)

“Eu quero um mundo onde meus amigos podem comer o quanto quiserem! Esse é meu tipo de mundo!” (Luffy, One Piece, cap. 1049)

“Seu corpo tem a propriedade da borracha, ele luta usando a imaginação enquanto faz todos ao seu redor rirem, o “Guerreiro da libertação”, também conhecido como “Nika, o Deus do Sol” (Gorousei, One Piece, cap. 1044”

1 INTRODUÇÃO

A ideia de que arte e realidade estão intimamente relacionadas é amplamente estudada dentro dos mais diversos campos, em especial das Ciências Humanas e da História em específico. Não são poucas as proposições que procuram analisar como, historicamente, a arte produzida se relaciona com a época vivida e vice-versa.

Na presente pesquisa, nascida do meu amor incondicional por arte, cultura pop, histórias e História, o objetivo é relativamente simples: Identificar os aspectos da obra *One Piece* que podem ser comparados e relacionados com características de regimes autoritários da realidade, com foco na análise do sistema de governo da obra e em como o revisionismo histórico aparece na mesma, se relacionando a essa forma de governo. Apesar de simples, não foi, nem de longe, fácil cumprir tal objetivo e espero ter obtido êxito.

Inicialmente, ressalto dois aspectos importantes: No universo fictício que analiso, o conceito de “democracia” não existe, portanto não irei definir autoritarismo como o oposto a democracia ou como a falta de órgãos representativos como é comum que se faça; e que minha intenção não é fazer um ferrenho paralelo com a realidade, já que a obra, por ser fictícia, não se encaixa em todas as características autoritárias da realidade e não segue o padrão histórico comum a esses regimes.

No caso da análise comparativa adotada, utilizei dois recortes históricos: o da obra analisada e o da realidade que vivemos. Utilizei em alguns momentos, especialmente no que se trata do revisionismo histórico, o recorte do período nazista, mas, em geral, priorizei por não me ancorar em uma temporalidade específica, e sim, perseguir analiticamente o conceito de autoritarismo e seus encaixes no mundo. Sendo assim, busquei as diversas vezes em que um discurso autoritário foi encontrado em nossa realidade e como este se relaciona ao que aparece na obra.

Minha pesquisa se baseia nos seguintes aspectos: primeiramente a análise do conceito de autoritarismo, em seguida o estudo do mangá *One Piece* e, por fim, como o discurso autoritário se revela na referida obra. Inicialmente, o conceito de autoritarismo adotado foi, majoritariamente, o de Bobbio (1998), mas também a partir de análises de aspectos específicos da realidade histórica, como por exemplo: A ideia

de revisionismo histórico foi trabalhada mais especificamente sob a luz do que foi a história para o regime Nazista, portanto, utilizo um conceito geral de autoritarismo, mas também relaciono com algumas experiências da realidade. Além disso, também foi feito um estudo historiográfico sobre as temáticas em questão, o que será evidenciado pontualmente ao longo do texto.

Explicado esse aspecto mais teórico, gostaria de falar um pouco sobre o objeto em questão: o mangá *One Piece*. Carinhosamente apelidado pelos fãs de “OP”, essa obra se tornou minha menina dos olhos desde o primeiro dia em que assisti. Desde muito nova, sou apaixonada por histórias e sempre reconheci nelas seu potencial transformador, que seja tornar nossos dias mais felizes ou conversar conosco de maneira sensível e profunda. OP fez as duas coisas por mim: tornou meus dias mais felizes, mais emocionantes, e conversou comigo sobre todas as injustiças que sempre me revoltaram: desigualdade social, fome, corrupção, ineficiência estatal e, em especial, a privação da liberdade. Se eu pudesse definir essa extensa obra em uma palavra seria essa: Liberdade. E foi nesse aspecto em que *One Piece* me transformou, me mostrando que não existe saída sem luta. Não existe justiça alcançada sem a dor da perda, da luta e as vezes a revelação de um poder superespecial quando o protagonista está à beira da morte.

Todos os personagens me inspiraram, mas meu reconhecimento com todo o universo só aumentou ainda mais quando a personagem Nico Robin foi apresentada e o aspecto político de OP se associou ao seu aspecto histórico. A partir dali tudo ficou mais lindo aos meus olhos. Dito isso, minha inspiração para essa pesquisa nasceu praticamente junto com minha entrada no curso de licenciatura em História, já que me tornei fã da obra mais ou menos na mesma época. Ou seja, esse tema, com uma ideia e um formato um pouco diferentes, me acompanhou durante toda a graduação, do primeiro ao oitavo período e não posso deixar de ser imensamente feliz por isso. Tomei a liberdade de utilizar essa introdução para falar sobre os aspectos emocionais da obra que me cercam, a fim de também justificar um pouco minha escolha de tema, os aspectos técnicos estarão em meu primeiro capítulo. No entanto, gostaria de ressaltar que essa visão apresentada por mim é um dado, de fato, *One Piece* se tornou, na atualidade, uma das obras mais complexas politicamente dentro de seu gênero, como ressalta Stella (2023): “(...) *One Piece* destaca-se na forma pela qual

representa temáticas como o autoritarismo e discussões sobre o papel da história para a formação de uma sociedade.” (p. 19)

Já a análise do discurso foi feita por mim sob a luz de dois textos que me ajudaram muito: *Leitura Fílmica: Uma Análise Discursiva dos Efeitos de Sentido de Temas Abordados em Desenho Animado da Turma da Mônica*, de Sandro Braga e *A Análise Do Discurso: Conceitos e Aplicações*, de Maria do Rosario Valencise Gregolin. O texto de Gregolin é mais técnico e “ensina” o que exatamente se espera de uma análise do discurso em seus aspectos metodológicos. O texto de Braga já é uma minuciosa análise do discurso presente em um episódio de Turma da Mônica, onde se veem reproduzidos e ao mesmo tempo questionados os papéis de gênero comuns em nossa sociedade. A ideia geral é a de uma análise que não se foque na frase ou na imagem, mas sim no discurso da obra, e em como esse discurso se compara e ampara à realidade. Braga dialoga especialmente com a teoria de Orlandi e Foucault, já Gregolin se utiliza principalmente das ideias de Ducrot e, em ambos os textos, temos a presença das ideias de Pêcheux. Esses foram os que identifiquei serem mais importantes para a minha análise e para a dos autores dos textos que usei, no entanto, também temos a presença de outros nomes, como: Althusser, Barthes, Fiorin e Greimas.

De acordo com Gregolin (1995) é no discurso que se manifesta a relação entre o texto (frases e imagens) com o contexto social e histórico. É essa ideia discursiva que pode ser interpretada de determinadas formas. Dentro desse aspecto mais textual, acho importante ressaltar algumas coisas: por ser um mangá, possui uma narrativa em terceira pessoa, vista “de fora”, há presença de um narrador em determinados momentos da obra, mas majoritariamente se compreende a história a partir do conjunto texto-imagem. Portanto, a análise do texto e da imagem são imprescindíveis para a compreensão, é desse conjunto que nasce o discurso, então minhas análises são feitas não apenas a partir do que é dito nos balões de fala, mas também do que é mostrado.

“Para entender os sentidos subentendidos em um texto é preciso que o enunciador e o enunciatário tenham um conhecimento partilhado que lhes permita inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio-histórico a que o texto se refere.” (Gregolin, 1995, p. 20)

Diante do que é dito por Gregolin, e aplicando isso a minha pesquisa, o contexto sócio-histórico a qual a obra se refere é o de governos autoritários do mundo

real, o que se tem na obra, portanto, é um contexto sócio-histórico criado pelo autor que reproduz determinadas características autoritárias vividas na realidade. Portanto é a partir desses dois aspectos que fundamento minha análise discursiva, comparando as características de governos autoritários do mundo real com as do governo autoritário da obra, sempre tendo em vista o conceito de autoritarismo.

É no texto de Braga que se faz mais presente a ideia de que “Instrumentalizar o leitor para os processos de formulação de sentido pode auxiliá-lo na análise e na formulação de seu próprio discurso [...] sobretudo transformá-lo em um receptor mais crítico, capaz de reconhecer e produzir sentidos.” (Braga, 2013, p. 270)

Portanto, a dinâmica de leitura e interpretação de uma obra, não conta apenas com a sua compreensão, mas também com sua ativa participação, afinal o consumidor realiza uma interpretação e, como resultado, produz novos discursos a partir do que consumiu. Toda essa dinâmica leitura - interpretação - análise - produção, possibilita que aquele que consome se torne mais crítico diante de uma determinada obra. Braga (2013) segue ressaltando esse fator ao defender que não é possível que todos os receptores tenham a mesma interpretação sobre algo e que a compreensão não vem apenas pelo fato de se entender o código escrito, mas perpassa por diversos fatores e o que foi compreendido nem sempre é o que o autor quis de fato dizer.

Dentro da teoria aqui adotada, procurei me estabelecer dentro do campo da História Cultural, em especial as proposições de José de Assunção Barros, a partir de Roger Chartier e dos aspectos de análise do discurso de Michel Foucault. Apesar de essas duas coisas terem me parecido muitas vezes antagônicas, tentei encontrar uma forma de expressar como ambas me influenciaram ao longo da escrita. Para começar, usei a definição de discurso de Foucault, que seriam proposições que se tornam verdadeiras a partir do momento que constituem princípios de comportamento, além de serem regras anônimas no tempo e espaço que definem uma época, dado os aspectos sociais, econômicos, geográficos ou linguísticos (Silva e Júnior, 2014). Essa ideia de discurso associada também a poder, já que o próprio autor também defende que “[...] toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos [...]” (Foucault, 1970, p. 8 e 9)

O discurso, portanto, define os parâmetros pelos quais a sociedade se estabelece, além de ser o próprio discurso que produz, e perpetua o poder. Essas ideias foram utilizadas na minha análise da obra *One Piece*, afinal dentro do autoritarismo, o que se tem é a produção de uma ideia, por meio de um discurso, que procura manter no poder aqueles que já estão lá, sob um regime (e aqui não importa a forma de governo, mas sim, sua intencionalidade) que conserve classes sociais hierárquicas, violência “justificada” e não acesso à História, já que ela quem poderia revelar a verdade, incentivar a revolta e questionar o discurso predominante, que levaria ao questionamento das ações.

Por fim, meu trabalho é dividido em dois capítulos, cada um deles com um título retirado de alguma frase da obra. O primeiro tem como foco descrever a obra e apresentar os pontos principais como o Governo Mundial e a Marinha. Já o segundo, parte para a análise direta do autoritarismo na obra e sua relação com a realidade, além de ter um tópico apenas para tratar de como a História se apresenta nesse universo. A presente pesquisa possui uma série de imagens que são trechos da obra, retirados do mangá e alerta que a leitura deve ser feita da direita para a esquerda, sempre começando pelos quadrinhos de cima à direita, a direção contrária de nossa forma habitual de leitura.

2 “EU SEREI O REI DOS PIRATAS!”

One Piece é uma obra japonesa escrita por Eiichirio Oda (1975 -) lançada originalmente no formato de mangá (história em quadrinho) e adaptada para o audiovisual no formato de anime (desenhos animados). Estreou pela revista *Weekly Shonen Jump* em dezembro de 1997 e sua adaptação foi feita pela *Toei Animation*, estreando em 1999. Minha análise concentrar-se-á no mangá por estar em um estágio mais avançado e ser mais fácil de encontrar os trechos necessários, que conta, atualmente, com 1131 capítulos. Saliento, no entanto, que só analisarei até o capítulo 1125. A obra não possui previsão de conclusão, apesar de declarações do autor indicarem que ela está próxima do fim. Considero importante ressaltar, portanto, que minha análise está sendo feita em cima de uma obra ainda não concluída.

A história apresentada na obra se passa em um universo fictício em que piratas existem e aterrorizam os mares, sendo contidos pela Marinha, braço militar do Governo Mundial, que é a instituição que governa globalmente. O enredo se inicia quando Gol D. Roger, considerado o Rei dos Piratas, título concedido a ele após navegar toda a *Grand Line* e chegar a sua última ilha – onde teria conquistado o maior tesouro do mundo – é executado pela Marinha. Antes de sua morte, Roger anuncia que seu tesouro ainda está naquela ilha e incentiva todos a irem atrás dele; suas últimas palavras são: “Querem o meu tesouro? Ele será de quem conseguir encontrá-lo. Reuni tudo o que há de mais valioso nesse mundo e escondi ‘naquele’ lugar.” (ODA, cap. 1, p. 6), assim, ele deu início a “Grande Era dos Piratas”, onde esses supostos malfeitores passam a infestar os mares. O protagonista da história é Monkey D. Luffy, que, vinte anos após o início dessa nova era, tem 17 anos e seu sonho é se tornar o Rei dos Piratas, e assim, sai para o mar em busca de realizá-lo.

A primeira coisa da qual precisa é um bando pirata e é atrás disso que o garoto vai logo nos primeiros momentos da obra, conquistando seus companheiros ao longo de sua jornada, nos mostrando que a obra não é sobre o sonho de Luffy, mas também sobre os sonhos de seus companheiros. Cada membro tem seu próprio sonho e objetivo, mas navegam sob a bandeira de Luffy, pois confiam nele e acreditam em seu sonho. Luffy é o capitão do bando e os outros assumem funções que contribuem para o bem-estar e proteção do navio e da tripulação do intitulado “Bando dos Chapéu de

Palha”. Até o presente estágio da obra, foram apresentados os seguintes membros, descritos de acordo com a imagem a seguir: Os três mais altos, atrás de todos os outros, da esquerda para a direita: Brooke (músico), Franky (carpinteiro) e Jinbe (timoneiro). Ao centro, na frente de todos: Luffy. Os outros, também da esquerda para a direita: Nami (navegadora), Zoro (espadachim), Robin (arqueóloga), Usopp (atirador), Sanji (cozinheiro) e Chopper (médico). Cada um dos membros é conquistado graças a uma atitude de benevolência de Luffy e seus vínculos são de amizade, companheirismo e união.

Figura 1 – Bando do Chapéu de Palha.



Fonte: One Piece 1058 revela as novas recompensas do bando do chapéu de palha - Critical Hits_ 2025

O enredo da obra segue um padrão normalmente já estabelecido: O bando de Luffy chega em uma ilha, que são os “países” da obra, mas cada um isolado pelo mar; lá, fazem amizades e descobrem que um grande vilão aterroriza a população. É comum que esse vilão seja um governante autoritário e cabe ao bando derrotá-lo, reestabelecendo a paz. Cada ilha possui suas próprias características específicas, que inclui clima, fauna, flora, características dos moradores, organização social e até formas de governo.

Um dos aspectos apresentados até o momento e que merece uma explicação mais detalhada são: A existência do Governo Mundial e sua atuação no contexto social e político da obra; que irei detalhar melhor no próximo tópico. No entanto tudo

que foi apresentado até aqui, visa explicar da melhor forma possível a história da obra analisada, para contextualizar que universo fictício é esse que está sendo trabalhado e os personagens mais importantes, já que uma delas, a arqueóloga Nico Robin, será importante para uma análise futura.

2.1 Governo Mundial

O Governo Mundial é a entidade política suprema do universo de *One Piece*, que possui 170 ilhas afiliadas a ele, cada ilha possui seu governo próprio e soberano, no entanto, a subordinação ao Governo Mundial requer um alto nível de obediência, o que limita essa autonomia. Inicialmente, na obra, nos foi apresentado o braço militar do Governo Mundial, conhecido como marinha. Sua primeira aparição foi no capítulo 3 do mangá. A Marinha é a responsável por promover a justiça no universo de *One Piece*, especialmente encarregada de deter os piratas (mas outros criminosos também), sendo responsável por sua captura ou morte. A Marinha possui sua própria hierarquia interna, indo desde o Almirante de frota (cargo mais alto), passando pelos Almirantes e por fim, Vice-almirantes, que comandam suas próprias tripulações, sendo eles que atuam no mar efetivamente. Além dos postos já citados, temos também os capitães e os marinheiros.

Durante algum tempo, a questão política geral não foi abordada na obra e não sabíamos se havia uma forma de governo central, responsável pelas ilhas, além dos governos autônomos. No entanto, no capítulo 233 do mangá, tivemos a primeira citação ao Governo Mundial, sem maiores explicações, que foram concedidas ao público ao longo da obra, em especial nos arcos¹ *Water 7* (capítulos 322 a 354) e *Enies Lobbie* (capítulos 375 a 430).

A informação apresentada inicialmente e que é revelada para o povo é que o Governo Mundial é liderado pelos *Gorousei*, um grupo de cinco anciões denominados: *Saint Jaygarcia Saturn*, *Saint Marcus Mars*, *Saint Topman Warcury*, *Saint Ethanbaron V. Nusjuro* e *Saint Shepherd Ju Peter*.

¹ Forma como é comumente chamada as diversas “fases” da história, geralmente definida pelo antagonista a ser enfrentado e o local onde o bando se encontra. Por exemplo, o arco de *Water 7*, se passa na ilha de mesmo nome e o antagonista é a *Cipher Pol 9*, já no arco de *Enies Lobbie*, o antagonista é o mesmo, mas se passa na ilha onde se localiza o presídio denominado *Enies Lobbie*.

Figura 2 – Gorousei: As cinco estrelas anciãs



Fonte: ODA, capítulo 233, p. 16

Não se sabe exatamente como ou por que esses homens foram escolhidos para essa posição, mas acontecimentos recentes demonstraram que eles são detentores de grandes poderes e muita força. Recentemente, nos foi revelado que são subordinados de uma figura misteriosa e poderosa conhecida como *Im*, o Rei do Mundo, no entanto, essa informação é escondida da população.

A versão oficial da história de formação do Governo Mundial que é conhecida pela população é de que 20 reinos se uniram e formaram essa organização, sem mais detalhes. Esses 20 reinos possuíam suas próprias famílias reais, que passaram a ser a elite nobre do mundo, os chamados *Tenryuubito*². Estes são considerados sagrados,

² Dragões celestiais

sendo incansavelmente protegidos pela Marinha, tendo suas regalias e excessos disfarçados, além de crimes acobertados.

Figura 3 – *Tenryuubito*



Fonte: ODA, capítulo 497, p.

A cena acima se trata da primeira vez que Luffy e alguns de seus companheiros vê um *Tenryuubito*, logo depois de um dos seus escravizados sair de controle. Eles aparecem sempre usando o mesmo estilo de roupa, na cor branca e com um capacete de vidro, usado para que não respirem o mesmo ar que o restante da população quando descem de sua moradia. *Rosward*, aparece no centro da imagem para indicar sua importância e autoridade. Logo atrás dele, no lado esquerdo, está um de seus escravizados, que usa uma coleira ligada a uma corrente, quando a corrente é quebrada, a coleira explode, matando ou deixando em estado totalmente debilitado o escravizado que fugiu. Após esse primeiro contato próximo com um Dragão Celestial, Luffy fica horrorizado, mas é proibido de reagir. Toda a construção imagética e de autoridade dos *Tenryuubito* reforça o posicionamento de serem deuses na terra.

A existência dos Dragões Celestiais faz parte da construção simbólica por trás do governo, que é uma instituição autoritária, e para perpetuar esse autoritarismo,

construiu em torno de si símbolos e imagens: a Marinha dentro do aspecto militar, e os *Terryuubitos* dentro do aspecto de manutenção da ordem de classes são parte dessa construção simbólica, são a “cara” do governo para o povo. Os dragões celestiais são defendidos, mesmo quando prejudicam a população, mas também são severamente punidos quando questionam a ordem estabelecida.

Essa elite, considerada intocável, comete crimes contra a humanidade constantemente, possuem escravos, agredem e matam a população e, como visto na imagem, chegam até a usar uma barreira física entre eles e o resto do povo, no entanto não sofrem nenhuma consequência, já que uma das funções de um Almirante da Marinha é ir atrás e eliminar qualquer um que faça mal a esse seletivo grupo.

Como já citado anteriormente, nos foi revelado que existe uma figura única que comanda todo o mundo, mas não sabemos quem é e quais seus objetivos. Apesar de ser essa figura que toma as decisões que definem os rumos da sociedade, por meio da figura dos *Gorousei*, não é ele(a) que simboliza o autoritarismo nesse universo. Essa figura dá as ordens, define o destino, mas não dá “as caras”. Detalhando um pouco mais o que seria a Marinha nesse universo, temos a seguinte imagem:

Figura 4 – Base da Marinha



Fonte: ODA, capítulo 3, p.6

Essa é a primeira vez que Luffy tem contado com a instituição, quando pretende invadir uma de suas bases da Marinha, construída para abrigar seus marinheiros, realizar treinamento, além, é claro, de ser uma construção que deixa evidente aos moradores o local de onde emana todo o poder de mobilizar a justiça. Tanto nos portões, quanto na base em si, temos o símbolo associado a Marinha.

Já a imagem abaixo trata-se de um kanji³, que significa “justiça”, escrita colocada nos casacos dos uniformes de marinheiros em alguns postos, geralmente os que estão acima de oficiais, o que se associa diretamente com o lema pregado pela instituição, o de “Justiça Absoluta” (絶対的正義, Zettai-Teki Seigi).

Figura 5 – kanji, que significa “Justiça”



Fonte: Wanted! Acesso em: 05 jan. 2025

As constantes associações da Marinha a justiça deixam claro seu posicionamento de praticá-la independente de qualquer coisa, mobilizando todos os meios possíveis para isso. Nesse sentido, as imagens acima constituem uma representação disso, realizando a materialização da imposição de poder da instituição. Considerando que “Foucault atesta que as imagens podem atuar tanto na materialização de discursos, assim como mecanismos de produção e financiamento dos mesmos.” (Silva e Júnior, 2014, p. 3), percebe-se que não é de forma despretensiosa que o autor da obra nos apresenta a imponência da construção da

³ Sistema de escrita japonês, que se utiliza de caracteres para expressar palavras, ideias e conceitos

base, o símbolo em seus portões e prédio e o “justiça” escrito nos informes dos marinheiros, já que esses símbolos imagéticos fazem parte não apenas da construção do discurso do que o autor quer que saibamos sobre a Marinha, mas também sobre como, dentro do universo da obra, esse poder é construído a partir das imagens.

A prática da aplicação da justiça, subentende a subversão a um poder maior, que decide o que é essa justiça, nesse caso, é o Governo Mundial, na figura dos *Gorousei* e a mando de *Im*. Portanto apesar de seu lema e de seus símbolos, essa justiça não vale quando é para proteger a população dos crimes cometidos pelos próprios *Tenryuubitos*. Até mesmo os nobres que governam as ilhas são considerados inferiores a eles, apesar de possuírem suas regalias frente ao Governo Mundial e a Marinha.

Por fim, o local onde os *Gorousei*, o quartel general da Marinha e os *Tenryuubito* habitam se chama *Mary Geoise*, uma terra considerada sagrada, localizada no alto da *Red Line* (único pedaço de terra contínuo na geografia desse universo), sendo totalmente inalcançável aos olhos da população.

As explicações realizadas nesse capítulo objetivam elucidar aos leitores dessa pesquisa, que não conhecem a obra trabalhada – e aos que conhecem – como funciona o sistema político da obra e quais órgãos e figuras o compõe, já que serão muito citados nas análises feitas a partir de agora.

3 “VOCÊ OUSA DUVIDAR DO GOVERNO?”

As práticas e discursos autoritários já passaram por uma longa análise historiográfica, sociológica e política ao longo das últimas décadas, em especial após o século XX, onde vimos ascender regimes totalitários, como o nazismo e fascismo, que não são necessariamente sinônimos de autoritarismo, mas que apresentam aspectos em comum, em especial no campo do discurso. Como se tem debatido esse aspecto de forma muito ampla, trago uma definição que, inicialmente, irá pautar meu debate:

“As ideologias autoritárias, enfim, são ideologias que negam de uma maneira mais ou menos decisiva a igualdade dos homens e colocam em destaque o princípio hierárquico, além de propugnarem formas de regimes autoritários e exaltarem amiudadas vezes como virtudes alguns componentes da personalidade autoritária” (Bobbio, 1998, p. 94)

A ideia aqui presente é que o sistema político da obra se guia por práticas e características que são consideradas tipicamente autoritárias, que irei discorrer ao longo do capítulo. Algumas das características que pretendo analisar já foram identificadas e discorridas por outros pesquisadores que, assim como eu, se interessam pelo tema, como é o caso de Silva (2020):

“O autoritarismo [...] não é um fenômeno homogêneo, mas certamente algumas características se mostram comuns com certa frequência, como um Estado forte, elitista, violento, que se utiliza de revisionismo histórico para justificar seus discursos, e que cativa a sociedade com promessas de segurança e um conservadorismo reacionário.” (p. 3)

Da mesma forma, também Stella (2023) ressalta que: “[...] (Eiichirio) Oda (criador da obra) demonstra as nuances temáticas que são abordadas ao decorrer da narrativa, entre elas estão: abuso de poder, liberdade, autoritarismo, questões raciais e o debate sobre a valorização dos usos do passado.” (p. 14)

Ainda de acordo com Stella (2023), o autoritarismo da obra está presente especialmente nas ações da Marinha perante a sociedade, que abusa de sua autoridade e age em prol de seus benefícios. No entanto, minha perspectiva analisa que o caráter autoritário mais institucional da obra provém do Governo Mundial, já que seus líderes são mandatários das ações da Marinha. Além disso, acredito que todos os aspectos que giram em torno do governo – Marinha, *Teenryuubitos*, *Gourosei* – são parte de um simbolismo que constrói esse autoritarismo do governo, sendo este

necessário para que os líderes se mantenham naquela posição, afinal, os questionamentos são minados a partir de uma prática violenta. Em troca, o Governo Mundial oferece a suas ilhas aliadas vantagens políticas e, à população de modo geral, a proteção da Marinha contra piratas e criminosos.

Diante das considerações de outros autores mais recentes, que já trabalharam sob perspectiva similar em relação ao conceito de autoritarismo, além de uma articulação com autores clássicos e conceituais e uma análise imagética e discursiva, meu objetivo é apresentar as características do Governo Mundial – e em alguns momentos, da obra de modo geral – em que identifico seu autoritarismo, discorrer sobre elas e apresentar fontes que suportem meu argumento. Além disso, darei uma atenção especial ao aspecto histórico presente na obra.

3.1 Autoritarismo na obra: Governo Mundial e Marinha

Considere-se, portanto, que o que se pretende analisar é a forma como um discurso autoritário está presente na obra, na forma de uma instituição. A base de existência do Governo Mundial é ser o símbolo máximo de autoridade, usando desta para influenciar na política externa de todo o mundo, lançando suas garras até sob as ilhas não filiadas a ele, mas que colocam em risco sua autoridade.

O fato de a instituição governamental da obra ter sido criada por uma elite há 800 anos e ser até hoje comandada por nobres diz muito sobre seu caráter amplamente elitista e que se relaciona com o esforço para a manutenção de uma ordem hierárquica, especialmente de classes sociais. Os *Tenryuubito*, na obra, são mais do que uma classe social privilegiada, são a origem da estrutura do governo. Não são uma classe produtiva, vivendo apenas do que os outros produzem, mas são amplamente protegidos, além de terem aval para cometer crimes e não serem punidos por isso.

O Governo Mundial é, portanto, condicionado por uma estrutura política hierárquica, escorada em uma visão de desigualdade entre os homens, aspecto que faz parte do autoritarismo, de acordo com a definição de Bobbio (1998).

Homens comuns da sociedade podem chegar o mais perto possível do Governo se entrarem para a Marinha, ainda assim, precisam dos cargos de Almirante ou Almirante de Frota para terem alguma relevância governamental, e essa se resume

Figura 7 - Continuação do discurso



Fonte: ODA, capítulo 1054, p. 5

Ele está atacando um dos países do universo da obra, o país de *Wano*, que acabava de ser libertada das garras de um *Yonkou*⁵, que deixou o povo sem água, comida e outros direitos básicos. O povo desse país foi libertado com a ajuda de Luffy, que é considerado um criminoso. No entanto, a fala de *Aramaki* expressa claramente que não se deteria em matar toda a população do país para cumprir a justiça que, no caso, se trata de capturar um pirata, que ajudou na libertação de um país desamparado pelo Governo Mundial. Apesar de Luffy e seus companheiros serem piratas e os guerreiros do país de *Wano* (os samurais), poderem ser considerados criminosos, já que se aliam a piratas, o resto da população é inocente. Mas, apenas o fato de o país não ser vinculado ao governo já os torna indignos até de viver, de acordo com as ideias de *Aramaki*, que traduzem as ideias gerais do sistema: o descontentamento do Governo Mundial traduz uma desconsideração até com a vida das pessoas. Ele defende explicitamente que é a hierarquia que mantém o mundo funcionando, mesmo que a própria hierarquia e o esforço para sua manutenção,

⁵ Em uma tradução significa “imperador”, dentro do universo de OP se trata de um grupo de quatro piratas que possuem populações poderosas, uma frota ampla e unida, além de dominarem alguns territórios. São os poucos piratas que conseguem entrar em enfrentamento direto com a Marinha em uma guerra, por exemplo, por isso, o governo tenta manter relações diplomáticas com eles, muitas vezes fechando os olhos para seus excessos.

prejudique pessoas inocentes. Para o Almirante e dentro da lógica do Governo Mundial, é crime ser um pirata e defender um país que não tem outros meios de defesa, mas não é crime matar uma população inocente, já que está não é aliada ao governo. Esse exemplo expressa claramente, o que é dito por alguns autores no que se trata de autoritarismo, como:

“A estrutura mais íntima do pensamento autoritário acha correspondência não em qualquer sistema autoritário e sim no tipo puro de regime autoritário conservador ou de ordem. Neste sentido, o pensamento autoritário não se limita a defender uma organização hierárquica da sociedade política, mas faz desta organização o princípio político exclusivo para alcançar a ordem, que considera como bem supremo.” (Bobbio, p. 95)

A ideia da importância de ordem hierárquica é importante para a manutenção de um poder autoritário. Além disso, é interessante observar outro fator, que acredito se relacionar a semiótica presente na obra: No nazismo, se criou um discurso de valorização das leis da natureza, que eram certas e imutáveis, e assim, como a natureza, assim devia ser a sociedade: imutável. Portanto, “[...] apenas as leis da natureza são obrigatórias, portanto, as ações nazistas eram tão necessárias quanto os fenômenos naturais, o que deu aos nazistas uma crença inabalável em sua missão.” (Chapoutot, s.d, p. 10)⁶

Além desse discurso ser muito parecido com o de Aramaki, que acredita na manutenção de hierarquias, sua *Akuma No Mi*⁷ é exatamente a *Mori Mori no Mi*⁸, personificando em seus poderes de ataque sua crença em um mundo naturalmente hierárquico e não passível de mudanças, essa crença na “eternidade imutável da natureza” se assemelha ao discurso nazista, que pode ser classificado como um totalitarismo, uma das vertentes do autoritarismo, com a diferença de que normalmente seu poder se concentra na mão de uma única pessoa. Claro que existe uma diferença técnica essencial: Os nazistas acreditavam nessa hierarquia natural porque se pautavam na ideia de superioridade biológica do povo alemão, já na obra, a hierarquia se trata muito mais de social, do que biológica, mas como já falei antes e

⁶ “[...] only nature was binding, so Nazi actions were just as necessary as natural phenomena and gave the Nazis unwavering belief in their mission.”

⁷ Significa “Fruto do diabo”, é uma das formas de se obter poder dentro da obra. Aquele que come uma *Akuma No Mi* adquire os poderes ou propriedades daquela fruta, e perde sua capacidade de nadar, além de se tornar vulnerável a água do mar. Por exemplo, o protagonista da obra, Luffy, possui os poderes da *Akuma No Mi* chamada *Gomu Gomu No Mi* (fruto da borracha) e seu corpo se tornou de borracha.

⁸ Fruto da natureza

reitero: Meu objetivo não é fazer comparações ferrenhas a realidade, e sim ressaltar como os discursos autoritários se apresentam e o discurso presente aqui é claro: O esforço para manutenção de uma ordem hierárquica (seja de classes dominantes, seja de raças) faz parte do arcabouço da formação de uma mentalidade autoritária.

Portanto, considero que, dentro da obra, esse “conservadorismo”, já mencionado anteriormente pela citação de Silva (2020), se caracteriza pelos esforços em conservar uma ordem hierárquica estabelecida, que está associada a hierarquia de classes sociais e de poder.

Assim, como cita Bobbio (1998), o significado de autoritarismo no campo das ciências políticas é instável, mas com frequência se refere a um regime de governo em que a acentuação da obediência a autoridade e da estrutura de hierarquia visa uma conservação da ordem estabelecida e considerada correta, sem que haja margem para questionamentos. Acrescenta-se a isso a ideia de Fernandes (1979) de que a autoridade é uma forma de dominação, que depende de algum grau de obediência por parte dos envolvidos, podendo essa obediência vir de um hábito inconsciente ou de uma atitude racional.

Novamente, a obra apresenta um exemplo disso, quando nos introduz a história do Vice-Almirante Saul e seu superior, Sengoku, em um dos casos mais explícitos de como a mentalidade não racional e não questionadora formam um dos escopos para a manutenção de uma prática autoritária:

Figura 7 – Saul e Sengoku conversam sobre os pesquisadores de Ohara



Fonte: ODA, capítulo 386, p. 14

Essa cena se passa em um dos contextos mais marcantes da obra no aspecto histórico. Irei falar mais sobre *Ohara* e a pesquisa empreendida em busca do “Século Perdido”, mas acrescentei esse trecho para demonstrar o nível de obediência cega de alguns marinheiros ao Governo Mundial. O questionamento feito por Saul (vice-almirante) da Marinha a Sengoku (almirante) é de por que vidas de pesquisadores inocentes estão sendo tiradas sem que se tenha nenhuma tentativa do governo de ajudá-los, em que Sengoku pergunta de forma enfática “Você está duvidando do Governo?”. Ou seja, Sengoku não possui uma resposta explicativa racional para as mortes causadas, o que ele sabe é que a pesquisa empreendida é perigosa e que o governo deu ordens de extermínio, ordens que devem ser seguidas, apenas. Fato é: Sengoku acredita cegamente no governo e está disposto a matar pessoas por uma crença. No entanto, mais para frente na obra e no tempo, ele se torna Almirante de Frota – cargo mais elevado da Marinha – e ocorre uma guerra, a “Grande Guerra” ou “Guerra de Marineford”, entre Piratas do Barba Branca e a Marinha, a Marinha vence a guerra, mas acaba com um saldo negativo enorme, incluindo a fuga da prisão de figuras muito perigosas – os chamados “prisioneiros do nível seis”.

Figura 8 – Sengoku recebe a notícia da fuga dos prisioneiros e ordens do governo





Fonte: ODA, capítulo 581, p. 18

Nesse momento, Sengoku demonstra revolta pelas ordens do governo – de não divulgar a fuga desses prisioneiros, colocando a população em risco -- mas até aqui, ele fez vista grossa para uma série de contravenções e atitudes questionáveis, inclusive a escravidão, que ocorria livremente embaixo de seus olhos e sob seu total conhecimento. No entanto, até esse momento, suas noções morais de certo e errado eram pautados pelo que o Governo Mundial definia como lei, portanto, não é contra lei os *Tenryububitos* escravizarem pessoas, em sua maioria, criminosos, piratas e homens-peixes. Apenas quando uma ordem do governo coloca em questionamento o quanto compromissada com a segurança da população no geral a Marinha deveria ser e que esse compromisso depende mais de manter imaculada a imagem do governo, é que ele demonstra revolta. Após a guerra, ele se aposenta, e passa o cargo a outro Almirante, não se sabe ao certo quais os motivos de sua aposentadoria, mas Sengoku é um exemplo de marinheiro que não necessariamente tinha um discurso elitista ou de manutenção de classes, mas sua obediência enraizada pelo Governo Mundial, o

fez fechar os olhos para os indícios sempre óbvios de que as atitudes do governo eram questionáveis e as ações da Marinha nem sempre justas

Sendo assim, a obediência internalizada nos marinheiros e na população é um pré-requisito para que a dominação autoritária do governo continue. No entanto, há questionamentos à ordem estabelecida, como já visto, até mesmo por parte de alguns oficiais que chegaram a colocar em xeque as decisões do governo e sofreram consequências. Para aqueles que ousam questionar, se faz uso desse braço armado do Governo Mundial, que é a Marinha. O alto teor militar da instituição governamental, acarreta o uso da violência, seja com a população ou com qualquer líder/entidade que questione o governo ou ouse causar motim. Nesse aspecto podemos caracterizar o Governo Mundial como: Militarizado e violento. Apesar de estar revestida sob essa capa de símbolo da justiça, a Marinha é diretamente subordinada ao governo e existe mais para manter a imagem simbólica imaculada das instituições, do que para promover justiça e proteção da população.

“[...] a marinha serve como o exército particular da elite político-econômica daquele universo, chamados *Tenryuubitos*. Trata-se da elite político-econômica deste mundo, que comanda o Governo Mundial e caracteriza-se por ser escravocrata e arbitrária das decisões dos comandantes da marinha.” (Stella, 2023, p. 19)

Um Estado com alto teor militar e que usa de violência com aqueles que considera criminosos não é algo incomum, mesmo dentro de uma democracia. O que chama a atenção na obra é que, com frequência, o que é considerado crime pela Marinha é uma atitude que gera um descontentamento com o governo ou que leve ao questionamento dele, e é aí que esse autoritarismo se escancara: O Governo Mundial violenta e elimina todos aqueles que cheguem perto de manchar sua imagem e questionar seus feitos ou sua existência. Com frequência, ao invés de utilizar seus agentes regulares, a Marinha faz uso de sua divisão especial secreta, chamada de Cipher Pol 9, encarregada de trabalhos “sujos”, que devem ser mantidos em extremo sigilo.

Figura 9 – Cipher Pol 9



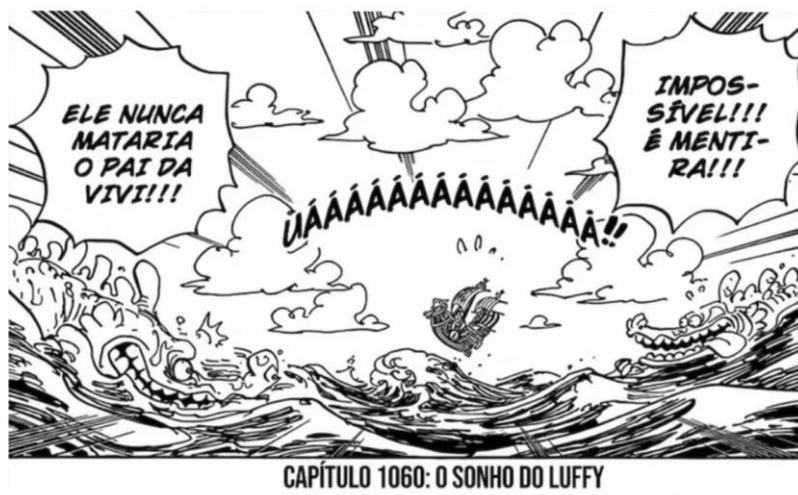
Fonte: ODA, capítulo 349, p. 17

A cena acima ocorre na transição entre o arco *Water 7* e *Ennies Lobby*, a *Cipher Pol 9*, corrente dentro da Marinha que, nas palavras do próprio Rob Lucci (líder dessa divisão), “Em nome da justiça, nós temos permissão do Governo de assassinar qualquer cidadão que não coopere.” (Capítulo 346, p. 5 e 6). Nesse momento, eles estavam queimando o prédio da prefeitura da ilha de *Water 7*, com todos que seriam testemunhas de suas ações. Para uma contextualização melhor, eles foram encarregados pela Marinha de conseguir as plantas de construção de uma arma ancestral conhecida como *Uranus*, que não se sabe com certeza o que seria, mas que possui um alto nível de periculosidade e potencial destrutivo. De acordo com a justificativa dada por Rob Lucci, a intenção do Governo Mundial era a de adquirir essa arma para dar fim a “Grande Era dos Piratas”. Chama-se atenção para a fala de Rob Lucci que deixa explícito aquilo já analisado nesse trabalho até o momento: O Governo Mundial não é passível de questionamentos. Todo e qualquer questionamento acarreta a morte ou na completa destruição.

Contudo, como já vimos, esse autoritarismo não ocorre sem resistência. Outra forma mais organizada e estruturada de questionamento ao poder do Governo Mundial é o Exército Revolucionário. Não é de se estranhar, claro, que o líder dessa

organização, Monkey D. Dragon (pai do protagonista da obra) seja considerado o maior criminoso do mundo e inimigo pessoal do Governo Mundial. Essa organização é tida como criminosa não só por questionar o Governo e abrir uma guerra pública contra a instituição, como também por incentivar outras populações a se levantarem contra seus líderes autoritários. Como já explicado, o Governo Mundial governa o mundo, mas cada ilha tem seu próprio líder, que, com alguma frequência, reproduz o autoritarismo e as injustiças presentes no Governo Mundial. Diante disso, a função do Exército Revolucionário na obra é conceder poder ao povo para lutar contra as injustiças e desigualdades. Eles entendem que o Governo Mundial é a fonte desses problemas, como explicitado por Robin:

Figura 10 – Bando do Chapéu de Palha recebe notícias do mundo após muito tempo





Fonte: ODA, capítulo 1060, p. 3

Nessa página, Luffy e seu bando ficam sabendo que Sabo, vice-líder do Exército Revolucionário e irmão mais velho de Luffy, junto com alguns outros líderes do exército, invadiram *Mary Geoise*, a terra sagrada dos deuses, onde acontecia o *Levely*⁹. Esse ataque causou um grande abalo em todos os envolvidos, com o exército descobrindo que existe um líder mundial único e uma falsa acusação de que Sabo teria matado o rei de Alabasta, Nefertari Cobra, nação que já foi salva por Luffy e seu bando, e uma das que era governada por um rei justo e de fato preocupado com o povo, quem o matou, na verdade, foi o próprio *Im*, mas Sabo presenciou tudo. Fato é que o Exército Revolucionário não se opõe a formas justas de governo, em especial quando a população está sendo prezada, eles se opõem e incentivam a liberdade de nações governadas por tiranos. No entanto, o Governo Mundial possui um certo controle sobre as comunicações e consegue espalhar as notícias da forma como deseja, assim Sabo foi injustamente acusado.

⁹ Nome dado a um encontro diplomático que ocorre a cada quatro anos entre todos os líderes governamentais de ilhas aliadas ao Governo Mundial, é um dos poucos espaços em que há um debate político e esses líderes são consultados sobre a viabilidade ou não de algumas ações do governo, além disso, eles podem propor ações etc. Claro que tudo isso se limita a como essas ações propostas e aprovadas poderão beneficiar ou prejudicar o governo. No entanto, há um certo nível de debate.

Diante de tudo que foi apresentado, considero que diversos aspectos que permeiam o conceito de autoritarismo e, de acordo com os autores que selecionei, estão presentes na obra de forma explícita, e as vezes implícita, como quando consideramos que o autor quer passar uma ideia por meio de uma imagem ou nome. A existência de um governo que apresenta características autoritárias é uma realidade, e dele provem discursos que são apresentados e percorridos de forma que pretende ser lúdica muitas vezes, mas que carrega em si uma forma de consciência da realidade, que pode ou não, ser despertada nos leitores.

Um último aspecto que considero importante para análise do autoritarismo do Governo Mundial é o revisionismo histórico, que se apresenta em forma de apagamento quase total do passado. Por considerar esse tema essencial em um trabalho de História, separei um tópico apenas para ele.

3. 2 Nico Robin: História e apagamento para manutenção do autoritarismo

Os capítulos 303 a 441, são os arcos de *Water 7* e *Ennies Lobby*, os primeiros em que tomamos conhecimento de detalhes sobre o Governo Mundial e sua natureza repressora, violenta e capaz de tudo para manter não só seu poder, mas sua imagem imaculada. Nesse trecho da história, o inimigo direto dos protagonistas é a *Cipher Pol 9* (CP9). É nesse arco em que somos apresentados ao passado de uma das personagens principais, e é aqui que uma das principais características autoritárias da obra se manifesta: O revisionismo histórico. Nesse caso, como o “apagamento” do passado ajuda na manutenção do poder autoritário do Governo Mundial.

Como já citado anteriormente, a forma como essa configuração política foi formada e definida dentro desse universo é um mistério até certo ponto, isso porque foi estabelecida 800 anos atrás e não há registros históricos acessíveis. Digo não “acessíveis” porque eles não são inexistentes. Dentro do universo da obra existem os *ponglyphs*, monolitos de pedra maciça onde a história do século perdido está registrada em uma língua antiga e praticamente morta.

Dada essa pequena explicação, vou introduzir a história da personagem Nico Robin, arqueóloga do bando do Chapéu de Palha e a única pessoa viva atualmente nesse universo que sabe ler e interpretar os *ponglyphs*. Conhecida como *Miss All Sunday*, Criança Demônio ou A Luz da Revolução, Nico Robin aparece pela primeira

vez no arco de *Whisky Peak* (capítulos 105 a 114), como antagonista do bando, sendo o braço direito de *Crocodile*, vilão do arco de Alabasta (capítulos 155 a 217).

Figura 11 – Primeira aparição de Nico Robin



Fonte: ODA, capítulo 114, p. 8

Após o desenrolar do arco, no momento final, Robin trai *Crocodile*, não revelando a ele a informação contida em um *ponglyph* que estava escondido abaixo da ilha de Alabasta. Após Luffy derrotar *Crocodile*, que feriu Robin, o local começa a desmoronar, alguns segundos antes de tudo vir abaixo, ela revela que gostaria de morrer já que seu sonho não parece poder ser realizado e é a hora em que ela revela “Gostaria de descobrir a verdadeira história”, nos contando seu sonho. Apesar de sua vontade de querer morrer, Luffy a salva. Pouco tempo depois, ela aparece no navio do bando, exigindo entrar nele. E assim, Nico Robin se torna a mais nova integrante do bando do Chapéu de Palha.

Depois de viverem aventuras juntos, Robin ainda é um mistério para o público, até chegarmos ao arco de *Water 7/Ennies Lobby*. O bando do Chapéu de Palha vai a ilha de *Water 7* consertar seu navio que sofreu muitas avarias após a última aventura. No entanto, Robin desaparece e mais tarde, descobrimos que ela foi capturada pela

Cipher Pol 9 para ser levada a *Impel Down*, prisão de segurança máxima. A partir daí inicia-se *Ennies Lobby*, uma corrida contra o tempo que o bando começa para salvar Nico Robin das garras da CP9. No meio disso, somos apresentados a um *flashback* que nos conta o motivo da CP9 estar atrás incessantemente de Nico Robin.

Robin é a única sobrevivente de um massacre empreendido pelo Governo Mundial por meio da Marinha à ilha de *Ohara*, um local conhecido por ser lar de arqueólogos brilhantes, que secretamente estudavam o Século Perdido, já que é terminantemente proibido pelo governo estudar esse período histórico. O massacre ocorreu através de um *Buster Call*, um chamado que aciona todos os navios e vice-almirantes da Marinha para um ataque massivo e brutal. Antes de serem destruídos, o líder dos arqueólogos, Clover, se comunica com um *Gorousei*.

Essa comunicação ocorre no capítulo 395, entre as páginas 6 a 9 do mangá, onde Clover revela a hipótese formulada pelos arqueólogos de *Ohara* a partir dos estudos dos *ponglyphs* que eles tiveram acesso: No passado, o mundo era liderado por um grande e próspero reino, sobre o qual não temos muitas informações. Esse reino entrou em uma grande guerra contra uma aliança de outros 20 reinos daquela época. Essa união saiu vencedora dessa guerra e formou o Governo Mundial, que perdura até a atualidade da obra.

“Mais importante que isso, essa História certamente revelará a existência e as ideias desse reino, e isso representa uma ameaça para o seu Governo Mundial, não é mesmo?” (Oda, capítulo 395, p. 8). Logo depois dessas palavras, Clover tenta revelar o nome desse reino, mas o *Gorousei* ordena que um marinheiro atire nele e acione o *Buster Call*. As últimas palavras do *Gorousei* são “Extermine todos. *Ohara* sabe demais” (Oda, capítulo 395, p. 9). Em meio as chamas e desespero, Robin, uma criança de apenas 8 anos, consegue escapar com ajuda de algumas pessoas que a incentivam a continuar vivendo e buscando seu sonho.

Assim que o Governo Mundial descobre que ela sobreviveu, Robin se torna sua inimiga e cartazes de “Procura-se” com seu rosto são espalhados pelo mundo, intitulado-a como “Criança Demônio”. Após isso, somos apresentados a algumas cenas de como foi a vida dela depois do massacre de *Ohara*. Robin passou a ser perseguida, traída, capturada e se aliou a criminosos, tudo para sobreviver e realizar seu sonho. Seu único crime foi ter sobrevivido e querer saber a verdade sobre o

passado, ainda assim a forma como o Governo Mundial transmitiu sua imagem deu a entender que ela era uma inimiga da sociedade e que merecia ser eliminada e que toda Ohara havia tentado destruir o mundo. Robin não é inimiga da sociedade, ela é inimiga do Governo Mundial. Depois de anos sobrevivendo acreditando que sua existência era um erro, e sendo perseguida por isso, Nico Robin desejou morrer em Alabasta, mas entrar no bando a fez querer viver novamente, e despertou o desejo de se sacrificar por pessoas que gostava em *Ennies Lobby*. No entanto, Luffy e o resto do bando não permitiram isso, salvando-a. Nesse processo, o bando se autodeclarou inimigo do Governo Mundial, ateando fogo na bandeira que contém seu símbolo.

Ressalto aqui que o revisionismo histórico em si não é um problema e nem sempre está vinculado a uma prática autoritária, no entanto com alguma frequência o que se tem é tal prática sendo realizada de forma rasa, com uso de dados falsos ou manipulados, apenas como estratégia de propaganda político - ideológica de acordo com Medeiros (2020). O que se tem no universo de One Piece é um apagamento completo e uma versão rasa e sem detalhes sobre a história colocada no lugar, além da proibição de se estudar o que ocorreu. Entende-se que a descoberta do que aconteceu de fato no passado ameaça o Governo Mundial de alguma forma, não sabemos o porquê ainda, mas já temos alguns indícios.

Um exemplo clássico de como o revisionismo histórico está, muitas vezes, nas entranhas de uma manutenção de poder autoritário é o caso da Alemanha Nazista e sua forma de enxergar a história. De acordo com Chapoutot (s.d), os nazistas acreditavam no retorno a um passado clássico e medieval, onde se pudesse voltar às origens do povo alemão puro, e pregavam que a revolução francesa, havia aberto o mundo para questionar a ordem hierárquica natural e o fim das “sociedades fechadas”, o que ocasionou a degeneração da sociedade, parte de seu objetivo simbólico era “Apagar 1789 da História” (p. 2). O discurso de superioridade de raça empreendida por Hitler, associado a uma suposta comprovação histórica conseguida através de revisionismo e uma dose de preconceito, criou um discurso facilmente assimilado pela nação, que possibilitou a chegada de Hitler ao poder e sua permanência de 1933 a 1945, e apesar do tempo relativamente curto de sua ditadura, o que o caracteriza como um regime autoritário (nesse caso, voltado para o totalitarismo) é a violência empreendida, a censura, a permanência de apenas uma pessoa no poder e os diversas narrativas, e práticas, de extermínio e racismo.

Nesse aspecto e ainda citando Chapoutot (s.d), o retorno para o passado dentro da ideologia nazista acarretava um futuro brilhante, em que apenas aqueles da pura raça ariana viveriam. Sendo assim, era necessário fazer uma manutenção constante dessa narrativa e isso era feito por meio dos discursos de Hitler a nação. Aqui, percebe-se o ponto fundamental: As funções do passado e o quão perigoso sua narrativa se torna em mãos erradas: O Governo Mundial, na obra, se utiliza do total apagamento do passado e de seus vestígios como uma forma de se manter no poder, e em cima desse “passado apagado”, escreve uma versão própria da história, em que eles seriam os vencedores fundadores do mundo como conhecemos, mas sem detalhe algum e sem apresentar nenhuma prova disso, além de não abrir margem alguma para o questionamento dessa versão da história, usando a Marinha para exterminar ou demonizar aqueles que questionam, em termos de discurso, isso se assemelha ao que o nazismo fez: Se esforçou para criar uma crítica a história, que mexesse com as crenças e convicções do povo alemão, e se colocou como aqueles que salvariam esse povo, por meio de uma volta ao passado clássico, onde a raça ariana era pura e a sociedade era supostamente harmoniosa, usando de uma “recriação da história” feita por forças do presente, expurgando as ideias clássicas da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) e colocando no lugar uma versão que lhes favorecesse da história, em que a ordem hierárquica natural fosse retornada, acarretando em um tempo histórico estático e portanto, pacífico.

“O espaço-tempo nazista, pacificado pela supressão do inimigo, levaria a um tempo pós-histórico, um tempo suave e pacífico, desprovido de tudo o que constitui a história: diferença, oposição (dialética racial), eventos e, simplesmente, impermanência e morte” (Chapoutot, s.d, p. 7)¹⁰

FIGURA 12 – *Vegapunk 1* relata ao bando a hipótese sobre o “Século Perdido”



¹⁰ “ Nazi space time, pacified by the suppression of the enemy, would lead to a posthistorical time, a smooth and peaceful time, devoid of everything that constitutes history: difference, opposition (racial dialectics), events, and also, quite simply, impermanence and death”



Fonte: ODA, capítulo 1066, p. 3

Nesse capítulo, temos a reiteração da versão da História apresentada por Clover, o personagem com o capacete é uma das versões do *Vegapunk*, um cientista da Marinha, que, na verdade, só se aliou ao governo para conseguir recursos em suas pesquisas. Ele teve acesso as pesquisas de *Ohara* e chegou a mesma conclusão que os arqueólogos chegaram, e como ele mesmo reitera, qualquer um que pesquise esse passado é eliminado (ODA, capítulo 1066).

É claro que existem práticas, como a pirataria, que é considerada crime e de fato prejudica a população, afinal, nem todos são piratas “bonzinhos” como Luffy do Chapéu de Palha e seus companheiros. No entanto, até mesmo a origem e o significado dos piratas para esse universo já foram recentemente revistos, o que nos leva a questionamentos como: Os piratas sempre foram os vilões? Qual sua origem histórica na obra? O que fizeram de errado no começo? Ao que tudo indica, sua origem está ligada a uma luta por liberdade, que, desde o início do Governo Mundial, incomodou os líderes.

Apesar de o revisionismo não necessariamente ser uma prática ruim e, com frequência, gerar sim algumas novas visões historiográficas, é comum que se tenha um revisionismo irresponsável sendo utilizado por governos, especialmente, os autoritários para garantir sua manutenção no poder por meio de uma narrativa do passado que favoreça o grupo vigente. Nesse sentido, o revisionismo está condicionado a uma produção discursiva, já que a própria história se forma como tal.

O Governo Mundial se utiliza de um saber – o que de fato aconteceu no passado – para criar um discurso que mantenha um determinado grupo no poder. Dessa forma, através dessa produção discursiva, se faz uma perpetuação, ensino e internalização desse poder.

O Governo Mundial se fundamenta, portanto, em ser um governo de características autoritárias, usadas para a perpetuação de sua permanência no poder, como: Manutenção de uma ordem hierárquica, especialmente de classes, que coloca a elite acima do povo; alto teor de militarização, violência e repressão a questionamentos sobre a ordem estabelecida e o revisionismo histórico.

Um adendo interessante para aprofundar mais na obra é o das relações de parentesco de Luffy, o protagonista. Seu avô, Monkey D. Garp é um oficial da Marinha, que nunca chegou ao cargo de Almirante porque se nega a conceder proteção aos *Tenryuubitos*, o pai de Luffy, como já citado, é o líder do Exército Revolucionário e maior inimigo do Governo Mundial e seu irmão juramentado, Sabo, é o vice-líder desse mesmo exército. Percebe-se que o autor da obra construiu ao redor de seu personagem principal uma série de simbologias ligadas a liberdade ou ao questionamento dos padrões e hierarquias estabelecidas. Luffy possui o sonho de ser “Rei dos piratas” porque ele acredita que isso o tornará o homem mais livre do mundo, não só isso, ele revelou que seu sonho é mais profundo recentemente, mas ainda não sabemos qual é. Fato é: O personagem é declaradamente um símbolo da liberdade dentro da obra, não só por suas ações, mas por tudo que se constrói em volta dele, suas relações de parentesco, interpessoais e até seu poder. Isso tudo por si só, se contrapõe ao autoritarismo e as limitações da liberdade promovidas pelos líderes do mundo. Portanto, se percebe esse discurso autoritário e antiautoritário muito presentes na obra, em especial por meio da privação e da luta pela liberdade. O fator histórico demonstra ser uma questão essencial para a obra, tanto demonstrando como um governo autoritário trata a história e seus estudiosos, quanto nos revelando a quão libertadora se faz a busca pelo passado e por uma narrativa que se proponha a questionar o poder vigente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas até aqui, que *One Piece* se configura como uma obra permeada por nuances que demonstram sua ampla relação com um discurso autoritário, que se relaciona de diversas formas com a mesma natureza de discurso na realidade que vivemos. Mesmo o aspecto histórico, que poderia ser considerado um detalhe a ser deixado de lado, foi acrescentado a obra pelo autor, revelando que, sendo ou não sua intenção, sua obra está construída em cima de um discurso autoritário/antiautoritário.

Ao analisar apenas a forma de governo da obra não necessariamente conseguimos encontrar um paralelo ferrenho a realidade, já que possui características que se relacionam a diversas formas governamentais, por isso, meu foco foi no discurso e nas características gerais. No entanto, até isso considero que se apresenta em nossa realidade, já que um governo de características e discursos autoritários pode se apresentar até mesmo dentro de uma democracia. Um governante eleito pelo povo, também pode reproduzir práticas, falas e discursos autoritários. Como ressalta Rocha (2021), ao fazer uma análise do que foi o governo Bolsonaro no Brasil:

“O presidente Jair Messias Bolsonaro foi eleito democraticamente; ao mesmo tempo, as políticas públicas de seu governo são inequivocadamente ilegítimas. [...] Essa mesma investidura (a democrática) não justifica o endosso de ações autoritárias [...]” (p. 9)

Cito o exemplo do ex presidente da república do Brasil pois é a experiência mais recente e palpável vivida por muitos jovens, assim como eu, de como o autoritarismo pode lançar suas garras por meios sutis, mesmo dentro de uma democracia. Portanto, a forma de governo nesses dois casos, ficção e realidade, não define se ele é mais ou menos autoritário, já que na própria obra temos o *levely*, por exemplo, que deveria ser uma forma democrática de se pensar a governança do mundo de *One Piece*, mas as decisões tomadas nessa reunião estão totalmente condicionadas as vontades do Governo Mundial.

Portanto, para a obra ou para a realidade, o que define o autoritarismo são as formas como ele se apresenta à sociedade, seja por práticas questionáveis e violentas, discursos repreensivos, revisionismo histórico e manutenção de classes hierárquicas.

Por fim, deixo aqui minhas considerações sobre como espero que essa pesquisa seja útil para se pensar não apenas a obra *One Piece* como algo que nos alerta e sensibiliza sobre o que é o autoritarismo no mundo e sobre precisarmos lutar contra ele, mas como diversas outras obras podem nos apresentar isso também. Como a linguagem dos mangás e animes são muito característicos da juventude, e essa mesma juventude tem sido muito cooptada pela extrema direita e seus discursos autoritários disfarçados de liberdade de expressão, meu desejo é que possamos nos conscientizar, não apenas, mas também utilizando as obras que consumimos e amamos.

Acredito que se sensibilizar verdadeiramente por uma história/História é abrir as portas para encontrar novos mundos, além de ser o primeiro passo para enxergar os outros com mais empatia, e depois de toda análise acadêmica realizada, espero ter provado isso para a academia e para as pessoas que lerão esse trabalho. Afinal, como ressalta Bloch (2002): “Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares.” (p. 41).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D' Assunção. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005

BEIRED, José Luís Bendicho. **A direita nacionalista na América Latina: Personagens, práticas e ideologias**. Os intelectuais do liberalismo. São Paulo: Civilização Brasileira. 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOBBIO, Norberto, MATEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed. Vol. 1, 1998.

BRAGA, Sandro. **Leitura Fílmica: Uma análise discursiva dos efeitos de sentido de temas abordados em desenho animado da Turma da Mônica**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Dossiê: Língua em uso no 47, p. 269-283

CHAPOUTOT, Johann. **How the Nazis Viewed History**. Revue D' Historie, [s. l.], v. 20, ed. 112, p. 43-55. Disponível em <https://shs.cairn.info/article/E_VIN_117_0043?lang=en>

FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre "A TEORIA DO AUTORITARISMO"**. 2º ed. São Paulo: HUCITEC, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 39: 13-21,1995

IZZOMBIE. O Anti-Autoritarismo de One Piece. **Dentro da chaminé**, 2020. Disponível em: <https://dentrodachamine.com/2020/06/23/o-anti-autoritarismo-de-one-piece/>. Acesso em: 10 out. 2024.

JUNIOR, Valteci. One Piece 1058 revela as novas recompensas do bando do Chapéu de Palha. **Criticalhits**, 2022. Disponível em: One Piece 1058 revela as novas recompensas do bando do chapéu de palha - Critical Hits. Acesso em: 05 jan. 2025

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. **A ideologia nacional-socialista: O revisionismo e o nazismo de esquerda.** Id on Line Rev.Mult. Psic., fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 17-37.

NETO, Ary Batista. Mangás e Animês: **A cultura pop japonesa no Brasil.** Artigo (Licenciado em História) - UNIMONTES, Montes Claros, 2017

OS MARINHEIROS e suas justiças. Wanted!, 2015. Disponível em: <https://wantedbeta.wordpress.com/2015/02/20/os-marinheiros-e-suas-justicas/>
Acesso em: 05 jan. 2025

ODA, Eichiro. **One Piece.** São Paulo: Panini Comics. 2012.

ODA, Eichiro. **One Piece** (Versão traduzida por fãs brasileiros). Disponível em: One Piece - Manga Online. Acesso em: 22 jan. 2025.

REBLIN, Iuri Andréas. Quadrinhos e cinema: Convergências e variações em 10 teses sobre arte sequencial. P. 11–39. *In*: REBLIN, Iuri Andréas; SILVA, Ruben Marcelino Bento da; ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira (org.). **Vamos falar sobre cultura pop? Retratos teóricos a partir do sul.** Leopoldina - MG: ASPAS, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio.** Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

STELLA, Lucas de Oliveira. **NAVEGANDO COM OS CHAPÉU DE PALHA ONE PIECE (1997): A VALORIZAÇÃO DO PASSADO NO SHÔNEN ANTIAUTORITÁRIO DE EIICHIRO ODA.** Monografia (Licenciando em História) - Universidade Federal de São Paulo, 2023

SILVA, Lara Danielle Barbosa Oliveira. **REPRESENTAÇÕES DE GOVERNOS AUTORITÁRIOS NO MANGÁ ONE PIECE E SEU USO EM SALA DE AULA.** X Encontro Estadual de História: Combates pela história, Vitória da Conquista, 2020.

SILVA, Francisco Giuslane; JÚNIOR, Sérgio Silva Machado. **O discurso em Michel Foucault.**